

SAÚDE MENTAL DE DOCENTES DO ENSINO FUNDAMENTAL PÚBLICO NO BRASIL: REVISÃO INTEGRATIVA

MENTAL HEALTH OF PUBLIC ELEMENTARY SCHOOL TEACHERS IN BRAZIL: INTEGRATIVE REVIEW

OLIVEIRA, Nadyne Araújo de,¹
CASTRO, Ewerton Helder Bentes de²

RESUMO

A saúde mental de professores da rede pública é um tema amplamente discutido no Brasil, mas que não apresenta melhoras no decorrer dos anos. O objetivo deste trabalho foi identificar estudos científicos sobre saúde mental de professores do Ensino Fundamental em escolas públicas do Brasil. Trata-se de uma revisão integrativa de literatura, com busca nas bases de dados SciElo, BVSalud, Portal de Periódicos da CAPES e *Google Scholar*, em português, inglês e espanhol, publicados nos últimos cinco anos com os seguintes descritores: saúde mental; professores/docentes; ensino fundamental; escola pública. Os resultados foram organizados em oito categorias: A saúde mental/adoecimento mental; As condições e exigências do trabalho; Ser mulher é fator de risco; A desvalorização ou “desprofissionalização”; A violência na escola; A saúde do corpo; Negação e afastamento; Histórias e condições de vida dos alunos. Considerou-se que os professores continuam adoecendo pelos mesmos motivos há muitos anos, a díade saúde-doença tem sido pesquisada pelo viés da doença, os professores precisam de intervenção em saúde e psicoeducação, e as pesquisas científicas precisam alcançar a esfera educacional do país.

Palavras-chave: **Saúde Mental. Professores. Ensino Fundamental. Saúde-Doença.**

INTRODUÇÃO

O professor é o profissional responsável pelo processo educacional, não apenas pela transmissão de conteúdo. Freire (1996) retoma as visões construtivistas de Piaget e Vygotsky para dizer que o papel do professor se concentra em facilitar o aprendizado através

ABSTRACT

The mental health of public school teachers is a widely discussed topic in Brazil, but it has not shown improvements over the years. The aim of this study was to identify scientific studies on the mental health of elementary school teachers in public schools in Brazil. This is an integrative literature review, with searches in the SciElo, BVSalud, CAPES Periodicals Portal, and Google Scholar databases, in Portuguese, English, and Spanish, published in the last five years with the following descriptors: mental health; teachers/educators; elementary school; public school. The results were organized into eight categories: Mental health/mental illness; Working conditions and demands; Being a woman is a risk factor; Devaluation or “de-professionalization”; Violence in schools; Physical health; Denial and distancing; Students’ life stories and conditions. It is considered that teachers continue to fall ill for the same reasons for many years, the health-disease dyad has been researched from the perspective of illness, teachers need health intervention and psychoeducation, and scientific research needs to reach the educational sphere of the country.

Keywords: **Mental Health. Teachers. Elementary School. Health-Illness.**

da criação de um ambiente de interação para a construção ativa do conhecimento. Senso assim, o professor é mediador.

No Brasil, a profissão recebe várias demarcações sociais, desde a diferença da educação nas classes socioeconômicas, até a prevalência, que se mantém nos dias atuais, da mulher no papel de docente. Não podemos dissociar o

¹ Mestranda em Psicologia pela UFAM. Manaus/AM

² Pós-Doutor em Psicologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. Docente do Departamento de Psicologia da UFAM - Manaus/AM

contexto histórico da escola/educação no país que teve um papel extremamente importante na colonização, no convertimento de povos nativos, e na escravidão desses e de povos africanos (Gomes, 2021).

Para o autor supracitado, a escola é uma instituição que sempre teve como foco as normatizações/normalidades. A escola se encaixa no modelo de instituição discutido por Foucault (1999), uma instituição disciplinadora. Além disso, devemos considerar o advento do capitalismo que tem trazido para ela, cada dia mais, a lógica produtivista. Nesse cenário, há inúmeras dificuldades que o profissional da educação enfrenta, e conseqüentemente, a educação.

De acordo com a pesquisa divulgada pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) sobre Ensino e Aprendizagem realizada em 2019, o Brasil está entre os 48 países que pior remuneram professores. Sendo esse apenas um dos problemas. A sobrecarga de trabalho, a ausência de recursos educativos, o número exorbitante de alunos e a desvalorização social da profissão tem sido outros exemplos dessa realidade (SANTOS *et al.*, 2023).

Os mesmos autores pontuam que no Brasil temos, pelo menos, três décadas de produções científicas acerca do sofrimento docente, não é um tema novo (SANTOS *et al.*, 2023). Mas não tivemos grandes modificações positivas no labor docente, continuamos a caminhar pela perpetuação e até normalização do sofrimento desses profissionais. Damasceno e Negreiros (2018), falam que a atuação do professor dentro das instituições educacionais é de extrema importância para o desempenho do aluno.

Na escola pública, essa atuação carrega algumas especificidades, já que essa escola recebe menos recursos, o que impacta no desempenho de todos seus atores (STERN, 2014). Brust *et al.* (2021) ao discutir os desafios da escola pública no Brasil, afirmam que o ensino fundamental, apesar de ser alcançado pela maioria, ainda é muito precário.

Diante dessas problematizações, o objetivo desta revisão integrativa de literatura é identificar quais as evidências científicas sobre saúde mental de professores do Ensino Funda-

mental em escolas públicas do Brasil. Vale dizer que esse estudo tem a intenção de subsidiar a construção de uma pesquisa de pós-graduação com os professores de ensino fundamental em uma cidade no norte do país, e por isso ela se direciona apenas a esse grupo.

METODOLOGIA

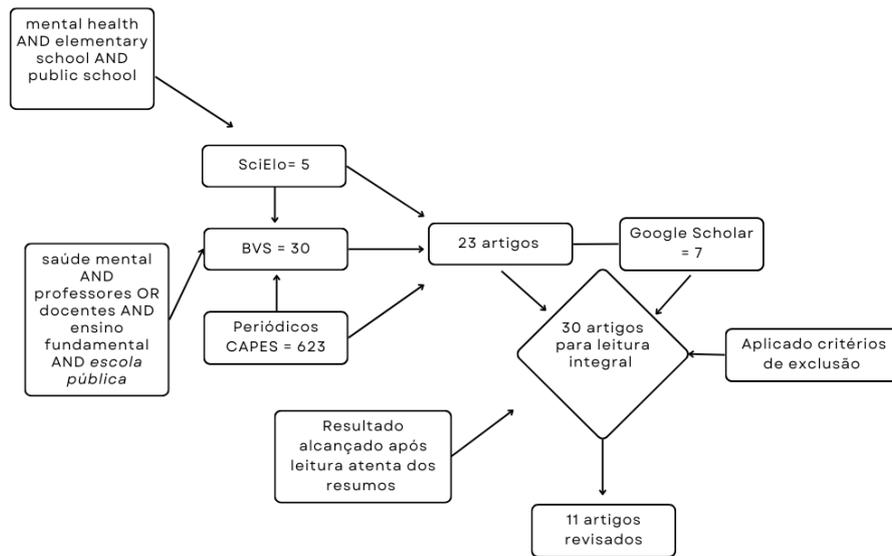
Este estudo consiste em uma revisão integrativa de literatura. A busca se deu com os seguintes descritores e comandos booleanos, a saber: saúde mental AND professores OR docentes AND ensino fundamental AND escola pública.

As bases de dados utilizadas foram a SciELO, BVSalud e Portal de Periódicos da CAPES. Foram incluídos artigos em português, inglês e espanhol; artigos publicados nos últimos 5 anos e que tivessem acesso livre. A exclusão se deu para produções que não fossem artigos científicos; pesquisas realizadas fora do Brasil e que tivessem como público alunos de escolas privadas ou instituições de ensino médio e superior. Além disso, pelo menos um dos autores do estudo deveria ter formação na área da saúde ou educação. Apesar de não incluir teses e dissertações, artigos oriundos de tais foram incluídos.

Sendo assim, foram coletados 658 artigos científicos. Após a leitura dos resumos e considerando os critérios de exclusão, restaram 23 trabalhos para leitura integral. A partir dessa, foram revisados 8 artigos. Na busca de obter um resultado mais abrangente, a plataforma *Google Scholar* foi adicionada. Nessa, os resultados chegaram a 16.900, mas considerando que as referências são organizadas em ordem de relevância, foram incluídos estudos apenas até a página 10. As referências foram escolhidas dentro da própria plataforma. Dessa forma, dessas 10 páginas apenas 7 artigos foram coletados para leitura integral e apenas 3 foram incluídos na revisão.

Os dados foram tratados no aplicativo de referências Rayyan. Por fim, essa revisão foi composta por 11 trabalhos. Segue figura mostrando a dinâmica de busca e exclusão dos artigos:

Figura 01- Busca e exclusão dos dados.



Fonte: elaborado pelos autores (2024)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta revisão foram analisados 11 artigos,

conforme indicado no quadro 01, com as características principais dos trabalhos analisados, e a seguir, as categorias geradas a partir desta análise:

Quadro 01- características dos artigos selecionados.

Autores	Objetivos	Amostra	Resultados
Adriane Medeiros e Marcel Vieira (2019)	Investigar a prevalência e duração da ausência de professores ao trabalho por distúrbio vocal e a associação com os fatores de trabalho e situação de saúde	6.510 professores	O problema que mais afastou os professores foi o distúrbio vocal (17,7%), seguido de problemas respiratórios (14,6%) e emocionais (14,5%)
Costa e Silva (2019)	Verificar e analisar o nível de ansiedade e depressão dos professores de anos iniciais do ensino fundamental. Secundariamente, averiguar associação entre esses níveis e o grau de satisfação no trabalho e fatores factuais	105 professoras	50% apresentaram níveis de ansiedade e depressão prejudiciais. Sem correlações de grau de satisfação com o trabalho desenvolvido, com a religião, com o tempo de serviço, com a conjugalidade e histórico de transtornos mentais na família. Idade apresentou significância para 15,2%, correspondente a faixa etária de 41 a 45 anos e às participantes que se formaram pelo modelo Normal-Superior.
Deise Francisco e Mylena Ramos (2018)	Compreender a saúde mental do professor que atua nos anos iniciais do Ensino Fundamental	21 professores	69% dos professores tem alguma queixa de saúde. As queixas são respiratórias, vocais e de ansiedade e depressão. Usam meditação, lazer e viagem como escapatória.

Ediálida Santos, Mariano Espinosa e Samira Marcon (2020)	Avaliar a Qualidade de Vida (QV) de professores do ensino fundamental e comparar com fatores sociodemográficos, situação funcional, distúrbios de voz, transtornos mentais comuns e sintomas osteomusculares	326 professores	A QV é afetada pelas condições socioeconômicas, distúrbios de voz, transtornos mentais, e queixas osteomusculares.
José Conceição, Natalia Belinatti e Lenita Agostinnetto (2019)	Identificar os fatores estressores e a manifestação de estresse fisiológico	149 professores	87,2% estão em níveis elevados de estresse; os professores com menores níveis já estão em estado de alerta. Os fatores são, ruídos na sala de aula, carga extra de trabalho, atendimento aos pais ou responsáveis, ter que prestar esclarecimentos à gestão, pouco tempo de intervalo e descanso.
Luciana Machado e Jean Limongi (2019)	Estimar a prevalência de Transtornos Mentais Comuns em professores da rede pública de Ensino Fundamental e associá-los a condições sociodemográficas, ambientais e laborais	330 professores	Foram indicados como fatores de risco associados ao desenvolvimento de TMC o sexo feminino, vínculo efetivo de trabalho, lotação em dois turnos, experiência com violência no ambiente escolar e uso de medicamentos para distúrbios do sono
Luiz Morais, Katia Sousa e Gideon Santos (2018)	Investigar as relações entre trabalho e a saúde de professores do ensino fundamental em escola pública	5 professores	Duas principais categorias temáticas: Intensificação e sobrecarga de trabalho e Precarização social do trabalho em escolas públicas
Marilda Facci (2019)	Apresentar resultados de uma pesquisa sobre violência na escola e adoecimento do professor	31 professores	A desvalorização e “desprofissionalização” do professor como maiores adoecedores, acima das violências físicas e verbais.
Marlon Campos e Moacir Viegas (2022)	Discutir o prazer e sofrimento no trabalho e as estratégias para se defender, enfrentar e atenuar o sofrimento	7 professores	A negação, auto repressão, rotinização como defesas. Pequenos afastamentos e gestão de tempo como enfrentamento
Nilson Silva, Alessandra Bolsoni-Silva e Sonia Loureiro (2018)	Verificar a prevalência de burnout e depressão em professores do ensino fundamental, assim como correlações entre burnout, depressão, variáveis sociodemográficas e organizacionais	100 professoras	Correlação positiva e forte entre Burnout e depressão, demais categorias sem correlação significativa
Vanessa Lourenço e Geilsa Valente (2020)	Compreender as influências da atuação no ensino fundamental na saúde mental do professor	10 professoras	Quatro categorias falando sobre o ritmo da escola, sofrimento e prazer do trabalho, abandono da família e história do aluno e a mulher professora

Fonte: elaborado pelos autores (2024)

Os dados foram organizados em oito categorias de análise conforme o surgimento de cada uma nos resultados dos estudos. As seis primeiras categorias discutem tipos de sofrimento/adoecimento e os fenômenos neles implicados; na sétima categoria surge o modo que os professores lidam com o sofrimento/adoecimento; a última categoria se trata da dinâmica relacional entre professor-aluno no re-

conhecimento do sofrimento dos últimos pelos docentes.

A Saúde Mental/O adoecimento mental

Essa tem sido a maior forma de adoecimento dos professores, dentre os sofrimentos mentais, a depressão, ansiedade e Burnout

aparecem em evidência. Vários sintomas estão envolvidos na apresentação da depressão, como a tristeza, diminuição da motivação, cansaço aparente e outros (SILVA *et al.*, 2018). Todos os sintomas podem interferir na Qualidade de Vida (QV) do professor e no seu desempenho no trabalho, mas a motivação e o cansaço supostamente são os primeiros e mais visíveis sintomas na sua rotina.

Já a ansiedade é uma condição inerente ao ser humano, mas pode ser também adoecedor quando se apresenta de forma exacerbada, além de que pode surgir em inúmeros contextos, no trabalho, mas também para além dele. Os sintomas estão presentes na vida dos professores, demais pesquisas concordam com esse dado (COSTA; SILVA, 2019; DEFFAVERI *et al.*, 2020; SLOMP *et al.*, 2021).

A outra forma de sofrimento que tem se evidenciado é o *Burnout*, reconhecido pela Secretaria da Previdência Social do Ministério da Previdência Social como uma doença laboral (BRASIL, 1999). Silva *et al.* (2018), ressaltam que o *Burnout* é caracterizado por exaustão emocional, diminuição da realização pessoal e despersonalização.

Apresentando outra perspectiva a esse resultado, uma revisão sistemática realizada no Brasil, chega à conclusão de que a maioria dos professores, especificamente entre 21-69%, apresentam altos níveis de exaustão emocional; alto e moderado grau de despersonalização, de 8-32%; mas em paralelo também apresentam altos graus de realização pessoal e entusiasmo, entre 30-90%. Com esse resultado, o trabalho sugere que a implementação de programas para reduzir o burnout seria mais fácil, além de ser positivo para a educação (MONTROYA *et al.*, 2021).

Com isso, podemos pensar que o trabalho, por mais significativo que seja para o profissional, prejudica a sua saúde mental. Ou seja, não é a condição de ser professor que tem adoecido, mas é como tem sido a vida de ser professor. Esse “como” está diretamente ligado às condições de trabalho que o professor tem enfrentado na rede de ensino.

As Condições e Exigências do Trabalho

O cotidiano do professor não é apenas ministrar aulas, mas há toda uma dinâmica por trás do seu fazer, ele está inserido em um grupo. Dessa forma, o professor tem que equilibrar a sua prática normalmente em três relações: professor-aluno, professor-escola e pro-

fessor-família.

Vale dizer que a dinâmica professor-escola traz tensão, afinal, a escola precisa alcançar metas. Santos *et al.* (2019), pontuam que a relação do governo com a educação é sempre pensada prioritariamente em fatores quantitativos, ou seja, os números são usados para demonstrar os avanços em educação. Avanços esses que precisam ser cada vez mais questionados frente às evidências científicas de saúde na escola.

Cumprir o planejamento educacional e alcançar metas não é simples dada a realidade, ou seja, salas de aula superlotadas, má remuneração e dificuldades de exercer uma relação construtiva com a comunidade. O professor é o primeiro dentro do ambiente da escola a ser cobrado caso algumas metas não sejam alcançadas.

Uma revisão sistemática realizada nas principais bases de dados, incluindo professores do mundo todo, concluiu que a carga de trabalho, as relações interpessoais e as condições do ambiente escolar são os fatores que levam os professores a adoecer apresentando os sintomas discutidos no tópico anterior (LUZ *et al.*, 2019).

Ser Mulher é Fator de Risco

Os resultados dessa revisão mostram que três trabalhos tinham como público alvo apenas professoras, e que todos os outros trabalhos que pesquisaram com os dois gêneros, o número de mulheres foi sempre maior. Isso nos sugere que o ensino fundamental tem sido realizado por mulheres. Segundo Neves *et al.* (2019), o trabalho docente, sobretudo na primeira fase do Ensino Fundamental, é entendido socialmente como uma profissão feminina, ou seja, não se trataria nesse caso de uma qualificação, mas uma qualidade.

Diante disso, os autores ainda discutem que a precarização do trabalho docente tem a ver com o fato dele ser compreendido como uma profissão para mulheres. Assim, já que mulheres não possuem o mesmo valor social que homens, o seu fazer profissional não precisa ser valorizado. Nessa perspectiva, ser mulher é um fator de risco para o adoecimento no trabalho que ultrapassa a esfera educacional, mas que é possível ser pensado a partir dela e precisa ser pensado em todos os ambientes laborais da mulher.

A dupla jornada de trabalho também é um ponto que precisa ser discutido. A entrada da

mulher no mercado de trabalho não diminuiu as suas responsabilidades, as mulheres continuam sendo aquelas que cuidam do lar e dos filhos (LOURENÇO; VALENTE, 2020). O que ocorreu foi apenas a soma de mais um trabalho para mulher e esse trabalho não recebe a visibilização que deveria, muito menos a remuneração. Dito isto, o resultado dessa revisão corrobora com a discussão necessária de que a precarização da educação e a desvalorização do docente traz uma forte correlação com os papéis sociais de gênero.

Além disso, nenhum trabalho trouxe as possibilidades plurais de gênero, todos estavam dispostos apenas em uma perspectiva binária de feminino e masculino. Isso nos mostra o quanto a discussão de gênero precisa ser levada para dentro do âmbito escolar e educacional considerando as diferenças e sofrimentos na profissão que tenham a ver com a identidade de cada professor.

A Desvalorização ou “Desprofissionalização”

A educação tem se tornado mais uma mercadoria dentro de um sistema neoliberal, a falta de autonomia no trabalho docente e a transformação do professor em um técnico, tem sido os fenômenos causadores da “desprofissionalização” da classe.

Santos *et al.* (2019), discutem que empresários e investidores buscam vender uma imagem boa da educação, quando os seus interesses são apenas o ganho monetário. Com isso, o que se espera hoje do professor são resultados quantitativos para o negócio educacional, o professor cumpre os objetivos estabelecidos por políticas pedagógicas que se quer foram desenvolvidas por eles.

Corroborando com essa ideia, Silva *et al.* (2019), discutem o fenômeno de desvalorização do professor do ensino básico a partir de uma perspectiva histórica, legislativa, analisando o ambiente de trabalho e incluindo as influências neoliberais. Os autores pontuam a diferença de salário do professor do ensino básico com outros professores; esse fato tem reverberações sociais ao vermos que a carreira docente não tem sido almejada, os cursos de licenciatura apresentam cada dia menos alunos. Além disso, afirmam que a educação que é um direito fundamental e dever do Estado foi transformada em um serviço onde o mercado o regula.

O professor nesse cenário torna-se o técnico da educação, alcançando metas, seguindo protocolos, trabalhando para além de sua carga horária para conseguir entregar resultados com qualidade questionável. Meira e Castro (2021), a partir de um olhar fenomenológico-existencial vão descrever os professores como aqueles que estão em oceanos de inautenticidade.

A Violência na Escola

Sobre este tópico, uma revisão sistemática realizada por Silva e Negreiros (2020) demonstra que na relação professor-aluno as violências têm sido tanto verbais quanto físicas, assim como as vivências de violência recebem influências de ambientes dentro e fora da família. Ou seja, a violência tem entrado na escola, mas talvez não tenha se iniciado dentro dela, apesar de encontrar muitas possibilidades de reproduções. Também demonstram que os professores reconhecem a violência quando se deparam com ela, e que a maioria intervém nos atos de violência entre os pares.

Assis *et al.*, (2023) mostram que ser professor é um fator de risco para sofrer violências e que a escola deixou de ser reconhecida como um lugar seguro. O estudo de Facci (2019), incluído nesta revisão, mostra a partir do relato dos professores que todos já sofreram alguma violência em sua prática. A maioria citou o desrespeito dos alunos diante das cobranças docentes, apresentado com violências verbais, seguido de preconceito racial e violências de gênero. Além disso, os pais dos alunos surgem também como agressores dos docentes, e por fim, citam violência presenciada dentro do ambiente da escola em relações hierárquicas.

O mesmo estudo explora a percepção dos docentes sobre as causas das violências. A desestruturação familiar e da sociedade surgem como as principais causas, seguidos da falta de conhecimento e leitura, e do uso de drogas. Apesar de alguns professores reconhecerem os aspectos sociais que atravessam esse fenômeno, a autora problematiza suas conclusões que sempre chegam em um lugar individual, onde o aluno ou a família é culpabilizado.

A Saúde do Corpo

A prática docente inclui muitos movimentos repetitivos e extensas horas de trabalho para pouco tempo concedido. Dessa forma, o

trabalho acaba sendo exercido com celeridade, consequentemente há sobrecarga osteomuscular (ARAÚJO *et al.*, 2019). Outro problema de saúde do corpo que tem afetado os professores são os distúrbios vocais. No estudo de Medeiros e Vieira (2019), os distúrbios vocais é o que mais tem afastado os professores do trabalho. Esse adoecimento tem causado absenteísmo.

Entretanto, apesar desses afastamentos, o estudo de Assunção e Abreu (2019) mostra que mais de 50% dos professores têm dificuldades de faltar ao trabalho, mesmo que estejam com dores, e 70% dos docentes se sentem pressionados para comparecer mesmo nessas circunstâncias. Nessas circunstâncias o professor é levado a um estado de desumanização, onde não pode adoecer, mesmo com as condições precárias de trabalho. Se adoecer, não pode se ausentar, o que importa é a sua presença e não a qualidade do ensino que ele é capaz ou não de entregar.

Negação e Afastamento

O estudo de Campos e Viegas (2022) se dedicou a ouvir seis professoras e um professor da rede de ensino público do Rio Grande do Sul, com a finalidade de discutir o prazer, o sofrimento no trabalho e as estratégias de enfrentamento e defesa dos profissionais. Os resultados da pesquisa nos mostram que os professores costumam negar a sua condição, reprimem o seu sofrimento e acumulam seus afazeres de forma automatizada para conseguir sobreviver. No meio disso, os pequenos afastamentos são formas de enfrentar, assim como a gestão de tempo.

Outro estudo também ressalta a evitação como uma forma de enfrentamento das dificuldades da vida de docente. Essa evitação é caracterizada pela tentativa de tirar da mente os problemas. Além desse modo de enfrentamento, os autores destacam as estratégias ditas emocionais, onde os professores tentam fazer alguma atividade que o ajude a lidar com as emoções negativas (CARLOTTO *et al.*, 2018). O que o texto discute é que nenhuma dessas estratégias são resolutivas, quando pensamos que o problema da educação e dos profissionais da educação não está inteiramente em suas mãos, mas na mão de um sistema que se organizou e continua se organizando a passos largos para a lógica educacional produtiva.

Fora do país os resultados não parecem ser tão distintos. Um estudo qualitativo realizado na Noruega com 6 professores de escola de

ensino primário e secundário, pesquisou sobre as estratégias de enfrentamento dos profissionais para lidar com as exigências do trabalho. Os resultados demonstram que como estratégias de recuperação, os professores buscam um tempo de relaxamento distante das demandas do trabalho, o que eles denominaram como estratégias de criação de emprego se explica como uma forma criativa de modificar o trabalho, ou seja, construindo aulas ao seu modo ou procrastinando para realizar certas atividades (SKAALVIK; SKAALVIK, 2021).

Meira e Castro (2021) falam que de acordo com essas vivências de sofrimento, o professor acaba atribuindo à escola um significado muito negativo. Esses resultados nos fazem pensar que a falta de acompanhamento desses profissionais e conhecimento sobre saúde mental, dificulta suas maneiras de lidar com os sofrimentos, por vezes até os normalizando. Os professores não deveriam fingir que as dificuldades não existem e nem se calar diante do descaso que os assola. Essa estratégia é considerada uma estratégia focada na emoção, esse tipo de estratégia apresenta correlação positiva com a exaustão mental (POGERE *et al.*, 2019).

Histórias e Condições de Vida dos Alunos

Os alunos também enfrentam dificuldades pessoais que acabam sendo levadas para a escola, a violência é um exemplo claro já discutido, os alunos a vivenciam e a reproduzem no espaço escolar. Pensando no movimento de reprodução de violência, a família tem sido por muitos anos alvo de críticas pela comunidade escolar, como um grupo que está ausente das vivências dos filhos, como negligentes e disfuncionais. Gomes (2021), defende que o termo “omissão” e “negligência” frequentemente usados para essa instituição, devem ser impostos com cautela, considerando as realidades sociais que a assolam.

Dessa forma, discute a omissão como voluntária, e o distanciamento da família, por vezes, não é um ato de omissão, a própria escola no Brasil, conforme foi se constituindo, como detentora de todo o saber, dificultou essa relação. Sendo a família ou não os pontos de partida dessas dinâmicas de sofrimento, compreende-se que os alunos da escola pública as trazem de forma a reverberar no cotidiano do professor. Ou seja, as histórias de vida se misturam

nas vivências educacionais.

A pesquisa de Lourenço e Valente (2020) teve como foco compreender as influências do cotidiano na atuação de professores do ensino fundamental no Rio de Janeiro, na terceira categoria elencada, falou-se sobre a limitação da prática frente ao abandono da família e a história dos alunos. Por conta da ausência familiar, os professores acabam tendo que ocupar um papel para além do previsto. Além disso, os autores destacam que, principalmente nos primeiros anos de ensino, a relação afetiva é muito importante para o processo de educação, devemos acrescentar a isso o caráter humano que deve sustentar a profissão. Os professores não deixam de ser afetados com as histórias de vida dos alunos e são convidados/cativados a estar próximo de seus sofrimentos. O resultado disso é mais um lugar de dor para a prática da docência (MEIRA; CASTRO, 2021).

Em contradição, uma pesquisa realizada em Portugal com 251 professores da rede pública, não mostra correlações consideráveis entre a preocupação dos professores com os alunos e a exaustão mental, por exemplo. A exaustão mental está fortemente relacionada à sobrecarga de trabalho, e a preocupação com os alunos se mostra como um fator positivo de enfrentamento das dificuldades no trabalho, uma forma de enfrentamento focada no problema (POGERE *et al.*, 2019).

Vale dizer que sempre devemos considerar a completa diferença da realidade social e educacional do Brasil com outros países quando realizamos essas comparações. Estar preocupado com os alunos de fato parece ser uma posição humana que tem tudo para fazer dessa relação um elo mais saudável, conseqüentemente, bom para o processo de aprendizado. Mas, no Brasil os resultados não parecem ser os mesmos. Ainda, precisamos pensar em que tipo de preocupação estamos falando, supomos que quando essas preocupações ultrapassam a esfera do aprendizado, quando começam a ser, por exemplo, uma preocupação se o aluno está sendo violentado ou comendo, estamos falando de preocupações que geram profundo sofrimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou pesquisas realizadas no Brasil com professores do ensino fundamental a fim de identificar as realidades que

têm contribuído para o adoecimento do professor no trabalho, sobretudo no que diz respeito à saúde mental. Os resultados nos demonstram que os professores continuam adoecendo pelos mesmos motivos: sobrecarga de trabalho e má remuneração como os dois grandes polos desse adoecer. Além disso, os resultados nos mostram que a díade saúde-doença tem sido pesquisada predominantemente pelo viés do adoecimento, a saúde e estratégias de enfrentamento não são os maiores focos dos estudos.

Apesar dos estudos em escolas privadas serem retirados na fase de exclusão, considera-se uma limitação: o descritor “escola pública” não ter sido encontrado na plataforma de Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), a inclusão de apenas trabalhos com acesso gratuito, e o fato de teses e dissertações serem excluídas, o que pode ter deixado muitas pesquisas relevantes fora da discussão.

Os professores precisam de atenção em saúde, tanto na esfera interventiva quanto na esfera educativa para conseguirem continuar a sua atuação de forma eficaz e satisfatória. As políticas em educação necessitam ser revistas e de fato colocadas em prática em todas as instâncias educacionais, a sensação que temos, conforme os resultados já pontuados por outros autores, é que a pesquisa não tem saído dos campos acadêmicos, não têm repercutido no sistema educacional. Por fim, sugere-se mais pesquisas que visem identificar e compreender como as histórias de vida e sofrimentos dos alunos têm afetado o cotidiano e a saúde mental dos professores.

Agradecimentos

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM).

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, T.M. D.; PINHO, P. D. S.; MASSON, M. L. V. Trabalho e saúde de professoras e professores no Brasil: reflexões sobre trajetórias das investigações, avanços e desafios. **Cadernos de Saúde Pública**, 35, 2019.

ASSIS, S. G.; NJAINE, K.; MARRIEL, N. S. M. Reflexões sobre violência e suas manifestações na escola. In: Assis, S. G. et al., (Eds.), **Impactos da**

violência na escola: um diálogo com professores. Editora FIOCRUZ, 2023.

ASSUNÇÃO, A. Á.; ABREU, M. N. S. Pressão laboral, saúde e condições de trabalho dos professores da Educação Básica no Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, 35, e00169517, 2019.

BRASIL. Decreto n. 3.048, de 6 de maio de 1999. **Aprova o Regulamento da Previdência Social, e dá outras providências.** Diário Oficial da União, 1999.

BRUST, C. et al. Challenges of public education in Brazil. **International Journal for Innovation Education and Research**, 2021.

CAMPOS, M. F.; VIEGAS, M. F. Sofrimento no trabalho e estratégias dos professores contra o adoecimento psíquico. **Trabalho & Educação**, 31(1), 103-119, 2022.

CARLOTTO, M. S. et al. Estressores ocupacionais e estratégias de enfrentamento. **Revista Subjetividades**, 18(1), 92-105, 2018.

COSTA, R. Q. F.; SILVA, N. P. Níveis de ansiedade e depressão entre professores do Ensino Infantil e Fundamental. **Pro-Posições**, 30, e20160143, 2019.

DAMASCENO, M. A.; NEGREIROS, F. Professores, fracasso e sucesso escolar: um estudo no contexto educacional brasileiro. **Revista de Psicologia da IMED**, 10(1), 73-89, 2018.

DEFFAVERI, M.; MÉA, C. P. D.; FERREIRA, V. R. T. Sintomas de ansiedade e estresse em professores de educação básica. **Cadernos de Pesquisa**, 50, 813-827, 2020.

FACCI, M. G. D. O adoecimento do professor frente à violência na escola. **Fractal: Revista de Psicologia**, 31, 130-142, 2019.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: História da Violência nas Prisões.** Petrópolis: Vozes, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, F. A. **A dimensão subjetiva da relação escola-família: um estudo das significações produzidas por docentes sobre a função social da família (Dissertação de Doutorado).**

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2021.

LOURENÇO, V. R.; VALENTE, G. S. C. A docência e o cotidiano da escola pública: influências na saúde mental do professor. **Research, Society and Development**, 9(8), e593985967-e593985967, 2020.

LUZ, J. G. et al. Implicações do ambiente, condições e organização do trabalho na saúde do professor: uma revisão sistemática. **Ciência & Saúde Coletiva**, 24(12), 4621-4632, 2019.

MEDEIROS, A. M. D.; VIEIRA, M. D. T. Ausência ao trabalho por distúrbio vocal de professores da Educação Básica no Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, 35, e00171717, 2019.

MEIRA, J. C.; CASTRO, E. H. B. Sentidos e significados no discurso de docentes em escola pública: a vivência do sofrimento psíquico. **Revista Educação e Humanidades**, 2(2, jul-dez), 529-541, 2021.

MONTOYA, N. P. et al. Prevalence of Burnout Syndrome for Public Schoolteachers in the Brazilian Context: A Systematic Review. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, 18, 2021.

NEVES, M. Y. R.; BRITO, J. C. D.; MUNIZ, H. P. A saúde das professoras, os contornos de gênero e o trabalho no Ensino Fundamental. **Cadernos de Saúde Pública**, 35, e00189617, 2019.

POGERE, E. F. *et al.* Estressores profissionais e estratégias de enfrentamento dos professores: suas relações estruturais com a exaustão emocional e o apoio à autonomia. **Ensino e Formação de Professores**. v. 85, p. 269-280, 2019.

SANTOS, T. A.; ERNEGAS, A. S. S.; STENTZLER, M. M. Profissionalização e desprofissionalização: desafios para a docência no mundo contemporâneo. **Revista Cocar**, 13(27), 924-943, 2019.

SANTOS, R. D.; CARNEIRO, C.; OLIVEIRA, A. R. C. Mal-estar docente e não reconhecimento, palavras de professores de uma escola pública de Niterói. **Revista Amazônica**, Vol. 16, número 1, jan-jun, 2023, pág. 569-589, 2023.

SILVA, N. R.; BOLSONI-SILVA, A. T.; LOUREIRO, S. R. Burnout e depressão em professores do

ensino fundamental: um estudo correlacional. **Revista Brasileira de Educação**, 23, 2018.

SILVA, O. O. N. D.; MIRANDA, T. G.; BORDAS, M. A. G. Condições de trabalho docente no Brasil: ensaio sobre a desvalorização na educação básica. **Jornal de Políticas Educacionais**, 13, 2019.

SILVA, E. H. B. D.; NEGREIROS, F. Violência nas escolas públicas brasileiras: uma revisão sistemática da literatura. **Revista Psicopedagogia**, 37(114), 327-340, 2020.

SKAALVIK, E. M.; SKAALVIK, S. Estresse dos professores e estratégias de enfrentamento – a luta para manter o controle. **Educação Criativa**. v. 12, n. 6, p. 1273-1295, 2021.

SLOMP, F. M. et al. Uso da escala de hamilton para verificação do grau de ansiedade em professores da rede pública de ensino no município de Guarapuava-PR. **Brazilian Journal of Development**, 7(12), 119169-119178, 2021.

STERN, J. O impacto das escolas privadas no desempenho educacional no estado de São Paulo. **Journal of School Choice**, v. 9, p. 29-41, 2014.